

RESISTÊNCIAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA: *O BEABÁ DO BERIMBAU*

RESISTANCES IN AFRO-BRAZILIAN CHILDREN'S AND YOUTH LITERATURE: O BEABÁ DO BERIMBAU

Laura Regina Carneiro LUGÃO¹

RESUMO: O presente trabalho analisou a obra *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau* (2018), escrita e ilustrada por Marcio Folha. Trata-se de uma narrativa infantojuvenil no formato de história em quadrinhos que, ao narrar diversas histórias, resgata as formas de resistência à opressão sofrida historicamente pelo povo negro. Buscou-se entender a como tais resistências estão presentes na narrativa a partir da análise do texto verbal junto às ilustrações; discorrer sobre a importância da capoeira e das narrativas míticas dos orixás; refletir sobre a inclusão da literatura infantojuvenil afro-brasileira enquanto projeto literário em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infantojuvenil afro-brasileira; histórias em quadrinhos; protagonismo infantojuvenil negro.

ABSTRACT: This study analyzed *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau* (2018), written and illustrated by Marcio Folha. It is a comic book narrative that, by telling multiple stories, rescues forms of resistance to the oppression historically suffered by black people. The research aimed to understand how such forms of resistance are represented through the analysis of both the verbal text and the illustrations; to discuss the importance of capoeira and the mythical narratives of the orixás; and to reflect on the inclusion of Afro-Brazilian children's and youth literature as a literary project in the classroom.

KEYWORDS: Afro-Brazilian children's and youth literature; comic books; black children's and youth protagonism.

1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar o livro *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau* (2018), a fim de entender a forma como são representadas na obra a resistência e a luta do povo negro por meio da capoeira e dos mitos dos orixás; estabelecer relações entre texto e imagem; e refletir, de maneira ampla, de que modo a literatura infantojuvenil de autoria negra pode ser inserida como projeto literário na sala de aula.

Para tal, além da leitura do texto literário, foram realizados tanto um levantamento bibliográfico quanto a leitura de textos teóricos sobre a literatura afro-brasileira, a

¹ Graduada do curso de Letras Português, na Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Carolina de Godoy. Bolsista do CNPq (152667/2023-7). E-mail: laurar.carneirilugao@gmail.com

linguagem dos quadrinhos, a literatura infantojuvenil e sua incorporação ao ambiente escolar. Também foram consultadas publicações acadêmicas disponíveis no acervo da Biblioteca Setorial de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). As discussões teóricas e críticas foram realizadas em encontros com o grupo de pesquisa sobre literatura afro-brasileira, que aconteceram de maneira presencial, na UEL, e *on-line*, via *Google Meet*. As pesquisas sobre o autor e ilustrador da obra foram realizadas em *sites*, *blogs*, redes sociais e canais no *YouTube*.

De acordo com Feldman e Silvestre (2020, p. 31), a resistência é “um modo de ir contra a dominação do poder imperial, de não aceitar as imposições colonialistas e de procurar reverter a situação para que os povos oprimidos possam resgatar sua subjetividade.”. Dessa forma, as autoras defendem que, a partir do que nomeiam como resistência discursiva indireta, grupos minoritários podem denunciar e questionar a história, utilizando as artes, a literatura e o trabalho com a linguagem para “atingir um público muito mais amplo, afirmar identidades e gerar identificações” (Feldman; Silvestre, 2020, p. 33–34). Este estudo busca mostrar de que maneira isso se dá na obra de Folha (2018), tanto no campo verbal quanto no visual.

2 O beabá do berimbau: o que conta a narrativa

O livro *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau* (2018) é uma história em quadrinhos (HQs) no formato de novela gráfica, escrita e ilustrada por Marcio Folha. A obra foi publicada pela Ciclo Contínuo Editorial com apoio do Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Em um *blog* dedicado à divulgação da HQ, uma postagem afirma que a obra mistura “poesia, prosa e quadrinhos”, com o propósito de “compartilhar a riqueza da Capoeira Angola com pessoas que não praticam e não conhecem essa arte”².

A história começa com a apresentação dos dois personagens principais: Tio Alípio e Kauê. Juntos, eles cantam músicas de capoeira, e Tio Alípio conta diversas histórias do povo negro ao menino. Ao fim, o mestre ensina Kauê a fazer seu próprio berimbau, instrumento fundamental para o jogo de capoeira e que também guia toda a narrativa. Tio Alípio é um velho mestre de capoeira, descrito como uma pessoa que “respeita e é respeitado por todo mundo na comunidade, mas é hoje homem de poucos amigos” (Folha, 2018, p. 18). Apesar da denominação “mestre”, ele se considera “um aprendiz de capoeira” (Folha, 2018, p. 57) e reforça estar sempre aprendendo, pois, antes dele, vieram outros mais sábios, sendo seu nome, por exemplo, uma homenagem a outro grande capoeirista. Kauê, filho de mãe solteira e morador de Cidade Tiradentes, é discípulo de Tio Alípio e o único autorizado a acompanhar as atividades do mestre às sextas-feiras.

No decorrer da trama, são apresentados importantes elementos da cultura africana e afro-brasileira, como a capoeira; os mitos de alguns orixás; a história e as cantigas de autoria de mestres brasileiros, como Manoel Henrique Pereira (Mestre Besouro de

² Lançamento do Livro “Histórias de Tio Alípio e Kauê — O Beabá do Berimbau”, realizado no dia 20 de setembro de 2009 no *blog* <https://historiasdetioalipioekaue.blogspot.com/2009/09/lancamento-do-livro-historias-de-tio.html>

Mangangá), José Gabriel Góes (Mestre Gato Preto), Rafael Alves França (Mestre Cobrinha Verde) e Mestre Waldemar da Paixão.

2.1 A capoeira

A capoeira, presente ao longo de toda a narrativa, é tida como um símbolo de resistência da cultura africana no Brasil. Por essa razão, pode ser considerada o principal elemento da história. É por meio do toque do berimbau e dos cantos que Tio Alípio começa a contar múltiplas histórias sobre ancestrais para Kauê:

- Minino danado, tá ativo nas cantigas! Mas não é educado atravessar o canto do mestre.
- Desculpa tio, é que eu queria ter um berimbau deste.
- Deste aqui é difícil. Foi o melhor presente que já ganhei. [...] Ele me acompanha há muitos anos e tem muita história para contar.
- E ele fala por acaso?
- Fala, escuta e faz do meu lamento alegria. [...] Você não acredita, né? Vou te contar uma história (Folha, 2018, p. 27–28).

Em *O negro no Brasil de Hoje*, a capoeira é apresentada como:

Música, poesia, festa, brincadeira, diversão e, acima de tudo, uma forma de luta, manifestação e expressão do povo, do oprimido e do homem em geral, em busca da sobrevivência, liberdade e dignidade (Areias *apud* Munanga; Gomes, 2006, p. 154).

Essa compreensão se fortalece quando se considera que, conforme afirmam Fontoura e Guimarães (2002, p. 141), “a história da capoeira está intimamente ligada à história dos negros no Brasil”. As autoras explicam que, apesar das divergências sobre a sua origem, devido à falta de documentações que tratem do assunto, alguns pesquisadores acreditam que a capoeira surgiu no continente africano na forma de uma “dança ritualística” (Fontoura; Guimarães, 2002, p. 142).

Ainda consoante às pesquisadoras, a capoeira é “a única luta brasileira que utiliza instrumentos musicais” (Fontoura; Guimarães, 2002, p. 147). Dentre eles, está o berimbau, amplamente destacado ao longo do enredo de Folha (2018), que serve para determinar o ritmo das músicas na roda de capoeira. A canção *Beabá do Berimbau*, de autoria do Mestre Gato Preto³, é ilustrada na HQ e define o instrumento da seguinte forma: “A cabaça, o caxixi e dois pedaços de pau. A ruela e o arame, aí está o berimbau. O berimbau é o instrumento que toca numa corda só” (Folha, 2018, p. 22–23). Segundo Vale (2018, p. 123) uma “Antologia Poética” nos é oferecida durante a narrativa, uma vez que o gênero Poesia é inserido na história a partir do uso das composições dos nossos grandes “poetas da Capoeira”.

Tio Alípio também ensina Kauê a confeccioná-lo:

³ No *Youtube* há a interpretação de Mestre Gato Preto e Mestre Pastinha (https://www.youtube.com/watch?v=1FV_p4NzDzI) (https://www.youtube.com/watch?v=r_FcG0UE2E0).

Eu só vou acertar as pontas e fazer uma ponteira pra por o arame. É só serrar em volta, uns dois centímetros abaixo. E depois tirar as lascas com uma faca. Eu costume medir sete palmos pra serrar o restante. Depois de serrado, a gente cola e prega esse corinho, pro arame não rachar a verga. Agora ela está pronta pra ser pintada e enfeitada. [...] Vamos tirar o arame [do pneu]. Tem que cortar a borracha com essa faca, agora não fique tão perto. Depois de achar a ponta do arame é só puxar, quando começa parece que não acaba mais. Cada lado sai quatro arames, cada arame dá pra fazer três cordas pra berimbau. A gente tira esse resto de borracha com a faca e a lixa, pra ficar como novo. Esse arame é forte e resistente, aquele de construção é mole, não presta pra berimbau. A gente faz uma argola em cada ponta. Em uma ponta amarra uma corda, na outra encaixa na ponteira. Antigamente não se usava arame, era feito com cipó imbé tirado nas matas de Ossain (Folha, 2018, p. 94-98)

À medida que a história avança, Tio Alípio também faz menção a grandes capoeiristas brasileiros, destacando a importância dos mestres para a história da capoeira no Brasil e ressaltando que seus nomes nunca devem ser esquecidos. Entre eles estão Manoel Henrique Pereira (Mestre Besouro Mangangá), José Gabriel Góes (Mestre Gato Preto), Rafael Alves França (Mestre Cobrinha Verde), de quem Tio Alípio foi discípulo, e Mestre Waldemar da Paixão.

Figura 1 — Ilustração dos mestres Cobrinha Verde, Gato Preto e Waldemar da Paixão



Fonte: Folha (2018).

Por muito tempo, a capoeira foi praticada de maneira clandestina, uma vez que, por se tratar de uma luta, os senhores de engenho a proibiam e puniam aqueles que insistiam em praticá-la. Mesmo após a abolição da escravidão, a luta era mal vista pela sociedade, o que culminou na perseguição dos capoeiristas e na proibição da capoeiragem por lei, pelo Código Penal da República de 1890 (Fontoura; Guimarães, 2002). Sendo assim, o gesto de mencionar os mestres vai além de apenas apresentar personagens

importantes: ele funciona como um ato de resistência contra o esquecimento histórico, já que, ao nomear, reconhece-se e preserva-se uma herança cultural. Ao trazer essas figuras para a narrativa, a obra mostra que a história da capoeira não se limita às instituições ou aos registros oficiais, mas se mantém viva principalmente por meio da memória coletiva e da transmissão oral, preservada por aqueles que, como os mestres citados, continuaram a prática mesmo diante da criminalização e da marginalização. Ao compartilhar esses nomes com Kauê e, por extensão, com o leitor, Tio Alípio reforça que a capoeira é uma prática ancestral e que se mantém viva ao ser compartilhada.

2.2 A religiosidade

Os mitos de alguns orixás, como Odé, Oxum, Ossain e Ogum, são contados por Tio Alípio a Kauê, sempre com a intenção de ensinar ao menino alguma lição. Conforme explica Prandi (2001):

Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum [...], o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana (Prandi, 2001, p. 20).

O processo de encaixe, que, segundo Todorov (1970, p. 123), ocorre quando “uma história segunda é englobada na primeira”, é utilizado em diversos momentos da narrativa. Um exemplo é quando o velho mestre conta a história dos orixás a fim de explicar ao menino a origem mítica do berimbau.

O primeiro a ter sua história contada pelo mestre é Odé, que morre após caçar em um dia proibido. Ele retorna à vida após os sacrifícios feitos por Oxum, sua esposa, a Orunmilá, que o transforma no orixá “protetor dos caçadores” (Prandi, 2001, p. 115). Ossain, “senhor das folhas, da ciência e das ervas, o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida” (Prandi, 2001, p. 153), também tem sua história narrada por Tio Alípio, assim como Ogum, “senhor do ferro” (Prandi, 2001, p. 88), que é o único a receber o segredo desse metal por Orunmilá.

Ao narrar o mito dos orixás, Tio Alípio mostra a Kauê a importância de respeitar a mata, seus habitantes e protetores. Apresenta, também, os responsáveis por fornecer os materiais necessários para a confecção do berimbau: Odé protege as matas, local onde são retiradas a verga de madeira, feita tradicionalmente de beriba, e a cabaça seca, que é a caixa de ressonância (Fontoura; Guimarães, 2002, p. 147), compartilhadas com os humanos por Ossain. O arame de aço, por fim, é disponibilizado por Ogum.

Figura 2 — Representação do orixá Odé



Fonte: Folha (2018).

Nobu Chinen (2019, p. 257), em sua pesquisa sobre *Os negros nos quadrinhos do Brasil*, afirma que “entre os vários aspectos que caracterizam uma cultura, as crenças religiosas e a cosmogonia são as que mais profundamente dizem respeito aos princípios e valores que regem a sociedade”. Além disso, a escrita sobre a religiosidade de matriz africana:

Sobretudo ao público infantil e juvenil, torna-se importante recurso discursivo para introduzir explicações de vocábulos específicos desse campo sagrado e, ao mesmo tempo, desconstruir estereótipos negativos existentes ao redor desse universo religioso, procurando quebrar preconceitos (Araujo; Godoy, 2020, p. 145).

A narrativa verbal de Folha (2018), em conjunto com suas ilustrações, vai ao encontro com o que foi dito pelos teóricos acima citados, uma vez que narra a história de alguns orixás, destacando sua importância e suas profundas relações com a natureza. A obra não apenas apresenta esses seres sagrados como personagens mitológicos, mas reforça a ideia de que o meio natural é atravessado pela espiritualidade. Dessa forma, o autor apresenta as religiões de matriz africana de forma acessível ao público infantojuvenil.

3 Os quadrinhos e as ilustrações

De acordo com Ramos (2023), os quadrinhos são uma linguagem autônoma, que une elementos da oralidade a elementos narrativos, utilizada em gêneros diversos. Dentre

MOSAICO, S. J. RIO PRETO, v. 24, n. 1, p. 145–158, 2025

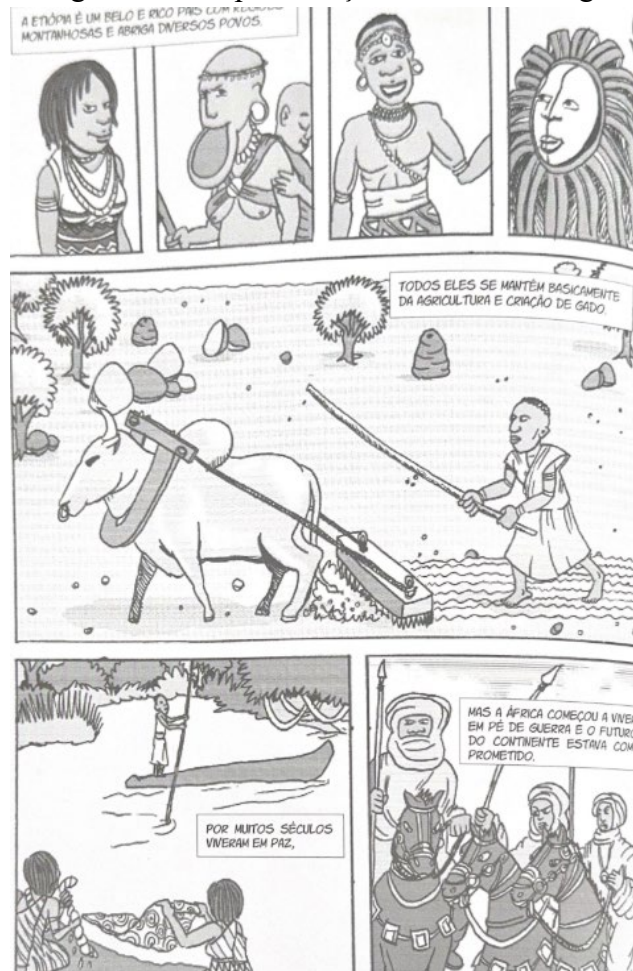
as características dessa linguagem, podemos citar o balão, a legenda, as onomatopeias, a cena narrativa, os personagens, o tempo e o espaço. Dessa forma, *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau* é considerada uma HQ em formato de novela gráfica, uma vez que “nela se abordam temáticas realistas” e “utiliza da linguagem dos quadrinhos para narrar histórias longas, publicadas, geralmente, no formato de livro” (Ramos e Figueira *apud* Borges e Jesus, 2021, p. 58).

As ilustrações na obra analisada, além de estarem no formato de quadrinhos – o que orienta o olhar do leitor por meio de uma leitura sequencial e favorece a dinâmica entre texto e imagem –, são todas em preto e branco. Nelas, temos a representação de locais como a África Antiga, o Brasil Colonial e de Cidade Tiradentes, bairro do distrito de mesmo nome, localizado na cidade de São Paulo.

A representação da África Antiga acontece a partir do encaixe de uma lenda que conta a história de uma princesa transformada em árvore sagrada, cuja madeira era utilizada para a confecção de diversos instrumentos musicais. É dessa árvore que surgiu o arco musical, instrumento muito semelhante ao berimbau – mas que Tio Alípio alerta: não deve ser confundido com o nosso instrumento, que é tipicamente brasileiro. Ao mostrar o continente africano, o autor descreve a Etiópia, local onde se passa a lenda, como “um belo e rico país com regiões montanhosas” (Folha, 2018, p. 30), com diversos povos que se mantinham por meio da agricultura e da criação de gado.

Essa representação positiva da África é um exemplo de “resistência discursiva indireta” (Feldman; Silvestre, 2020, p. 33), pois subverte, a partir do trabalho com a linguagem, a imagem que o colonizador transmite de que se tratava de um local com pessoas selvagens e/ou primitivas. Conforme afirma Nascimento (1978, p. 51), ao criticar o sentimento europeu de superioridade, existiu uma tentativa, por parte de certos intelectuais, em distorcer o passado africano. Tais intelectuais “fingem ignorar a muralha de silêncio erguida pelos opressores em torno da história africana para que pudessem manipular sua própria e conveniente versão do continente ‘escuro, misterioso e selvagem’”.

Figura 3 — Representação da África Antiga



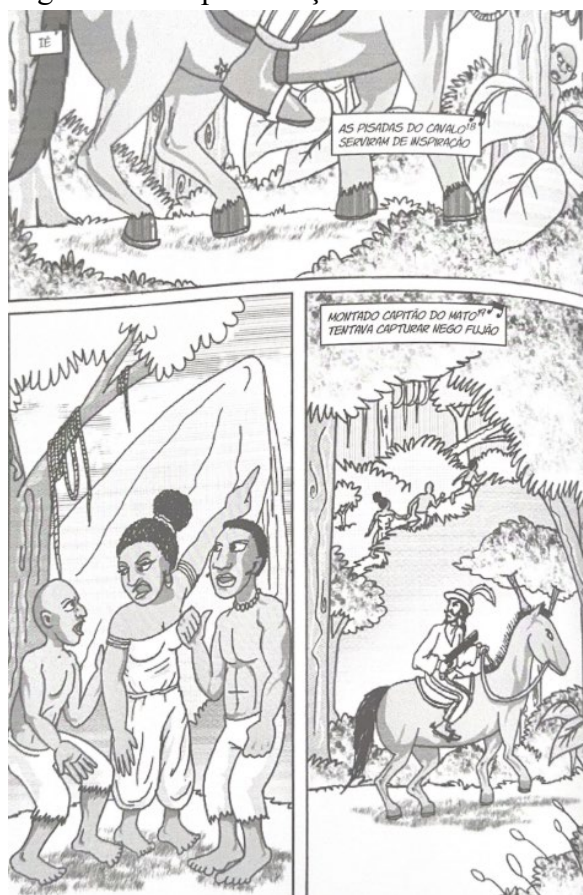
Fonte: Folha (2018).

A sequência de quadros constrói uma representação da África anterior à intervenção do colonizador. Trata-se de um espaço de organização social, trabalho produtivo e estabilidade. A cena do homem arando a terra com o gado, acompanhada do enunciado de que “todos eles se mantêm basicamente da agricultura e criação de gado” (Folha, 2018), destaca modos de vida ligados ao cultivo, à criação de animais e à relação direta com a terra. Visualmente, o enquadramento aberto e a presença de elementos naturais reforçam a ideia de equilíbrio entre comunidade e ambiente. A ruptura ocorre com a entrada de figuras armadas e da afirmação de que a África passou a viver “em pé de guerra”, instaurando a oposição entre um “antes” harmonioso e um “depois” marcado por conflitos.

Ao narrar essa história, Tio Alípio chama atenção para um aspecto muito interessante, que é a tradição oral. Diz ele: “Essa lenda, como todas as outras, tem um pouco de verdade. Já ouvi várias vezes e de cada um que me contou, eu peguei um pouco. Agora vou contar do meu jeito” (Folha, 2018, p. 29). Aqui, o velho mestre não apenas conta uma lenda, mas reafirma a continuidade de uma tradição ancestral, que se renova na voz de cada contador. Tal aspecto também é reforçado quando, ao narrar sobre a história de antigos mestres, Tio Alípio afirma que eles aprendiam uns com os outros nas rodas de capoeira.

A imagem abaixo retrata a fuga de negros escravizados no Brasil Colônia, narrada por Tio Alípio enquanto ele ensina a Kauê o toque da cavalaria, usando uma canção de Mestre Gato Góes. Nela, os negros que conseguiram escapar do cativeiro utilizam o toque do berimbau para imitar o som da cavalaria e enganar o capitão do mato, que tentava capturá-los. A utilização dessa estratégia é o que Feldman e Silvestre (2020, p. 32) chamam de “resistência pacífica direta”, uma vez que o opressor, enganado, percebe que está sendo enfrentado; entretanto, não há o uso de quaisquer tipos de armas de ataque. Assim, Folha (2018) representa a importância dessas pessoas “nas rebeliões contra a exploração e os abusos das autoridades, mas [que] tiveram seu papel minimizado ou simplesmente omitidos da historiografia oficial” (Chinen, 2019, p. 235), mostrando que elas não aceitavam passivamente os sofrimentos aos quais eram submetidas.

Figura 4 — Representação do Brasil Colônia

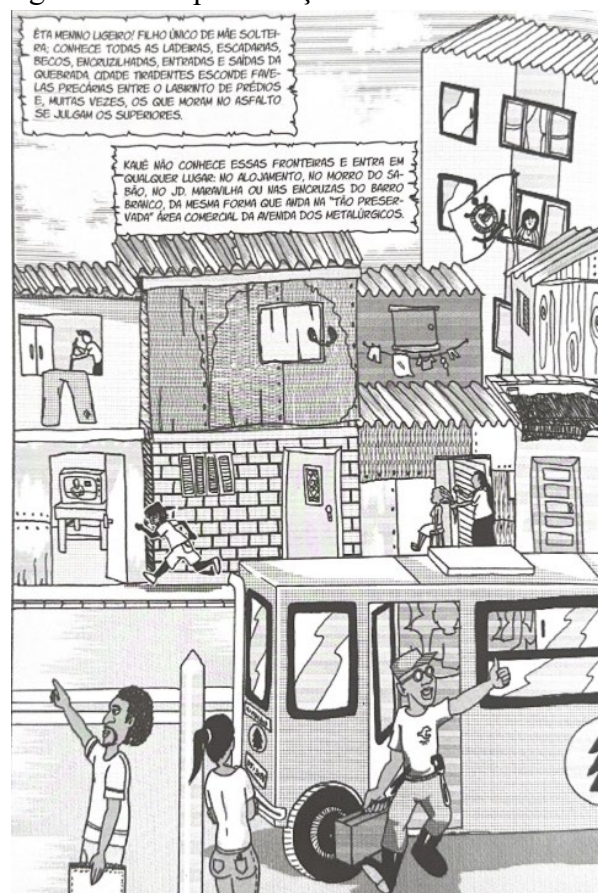


Fonte: Folha (2018).

Um ponto importante a ser ressaltado sobre as representações espaciais na narrativa é o fato de Kauê viajar no tempo a partir do toque do berimbau e sentir-se presente em cada um deles. Tal fato reforça o aspecto lúdico da narrativa, bem como a sensibilidade de Kauê, que, ao sentir-se presente em cada um desses espaços, pode vivenciar diretamente diversos momentos históricos, não apenas os conhecer a partir de relatos de terceiros. Nesse sentido, o berimbau assume novamente um papel central, uma vez que funciona como o elemento que permite essas passagens temporais e aproxima Kauê de sua própria origem e da história que o antecede.

Finalmente, temos a representação da periferia paulistana: o bairro de Cidade Tiradentes, definido por Oswaldo Faustino, na apresentação da HQ, como um “quilombo contemporâneo”. Nele, moram os dois personagens principais de *O beabá do berimbau*. A ilustração é rica em detalhes e apresenta trabalhadores utilizando o transporte coletivo, mulheres cuidando da casa e trançando cabelos, uma criança correndo e roupas secando ao sol. Em conjunto com o texto verbal, a ilustração nos mostra a rotina do local ao mesmo tempo em que apresenta o menino Kauê, “menino ligeiro! filho único de mãe solteira” (Folha, 2018, p. 16). Ele, que precisa trabalhar desde muito cedo, assim como Tio Alípio, vende geladinhos pelas ruas da cidade. Desse modo, percebe-se que a HQ, além de ressaltar elementos e características da cultura afro no Brasil, também denuncia as dificuldades enfrentadas por crianças negras ao longo dos anos.

Figura 5 — Representação de Cidade Tiradentes



Fonte: Folha (2018).

Durante muito tempo, explica Chinen (2019), os negros dos quadrinhos brasileiros eram personagens secundários, muitas vezes retratados de maneira estereotipada e preconceituosa. Em oposição a isso, a HQ de Folha (2018) preocupa-se em valorizar aspectos da cultura afro-brasileira e o papel histórico do negro no Brasil, retratando-os de maneira positiva e colocando-os como protagonistas de sua narrativa. Nas palavras do teórico:

Num mundo ideal, a questão da cor não seria sequer levantada e em qualquer história em quadrinhos, o personagem principal poderia ser negro, branco, amarelo ou vermelho. Algumas HQs produzidas em tempos mais recentes têm esse tratamento, ou seja, seus ou suas protagonistas são afro-descendentes, mas esse fator não tem implicação nenhuma na trama [...] Por ironia, algumas dessas histórias são de ficção científica e situam-se num futuro longínquo. Simbolicamente, pode significar que a citada condição ideal ainda está longe de ser alcançada (Chinen, 2019, p. 302–303).

Isso significa que, apesar do avanço que tivemos em relação à representação positiva de personagens negros em HQs brasileiras, ainda há um caminho a ser percorrido. Nesse sentido, ressalta-se a importância de obras como *O beabá do berimbau*, pois não apenas apresentam personagens negros como protagonistas, mas também resgatam e valorizam elementos culturais e históricos que foram historicamente marginalizados. Esse fato demonstra que a representatividade não se limita à presença física do personagem, mas se estende à forma como sua história e sua cultura são representadas.

A escolha de uma criança negra como protagonista também merece destaque, uma vez que rompe com a tradição de apagamento ou marginalização dessas personagens em grande parte da literatura voltada ao público infantil e juvenil. Ao ocupar o centro da narrativa, Kauê não apenas vivencia a história, mas participa ativamente de seu desenvolvimento ao aprender, descobrir e se fortalecer ao longo do enredo. De acordo com Dalcastagnè:

Graças a seu poder expressivo, a literatura pode permitir um acesso a diferentes perspectivas sociais, mais rico do que aquele que é oferecido, por exemplo, pelo discurso político em seu sentido estrito. Personagens negras, assim, talvez ajudem leitores brancos a entender melhor o que é ser negro no Brasil – e o que significa ser branco em uma sociedade racista (Dalcastagnè, 2011, p. 334).

Em consonância com a teórica, entende-se que o protagonismo da criança negra na obra contribui para ampliar as possibilidades de identificação de leitores negros, que se veem representados em posições de autonomia, conhecimento e protagonismo, bem como leitores não negros tenham contato com outras perspectivas de experiência e interpretação do mundo.

4 O uso da narrativa no ambiente escolar

A lei nº 10.639/03 determina a inclusão do ensino de História e Cultura afro-brasileira nos currículos do ensino fundamental e médio das instituições de ensino, públicas ou privadas, em todo o território nacional. Seu objetivo é resgatar a “contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (Brasil, 2003). A lei ressalta, ainda, a importância de que sejam ministrados esses conteúdos nas áreas de Educação Artística, História e Literatura.

O uso de obras literárias com protagonistas negros e temáticas relacionadas à história e à cultura afro-brasileira pode ser “uma importante aliada às ações pedagógicas

de valorização da diversidade étnico-racial” (Araujo; Dias, 2019, p. 3). Isso ocorre porque a educação literária tem potencial para formar leitores críticos e ampliar repertórios culturais, além de contribuir para a construção e o fortalecimento de traços identitários, sobretudo em crianças negras, promovendo, assim, o seu protagonismo (Araujo; Dias, 2019).

A obra analisada conta com um material de apoio, escrito por Elis Regina Feitosa do Vale em colaboração com outros professores, destinado àqueles que tenham interesse em utilizá-la em situações de ensino-aprendizagem. Nele, há sugestões voltadas a pedagogos e a professores de Artes, Educação Física, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática.

No que se refere à disciplina de Língua Portuguesa, Vale (2018) aponta quatro maneiras de utilizar o texto no contexto de ensino: a leitura-busca-de-informações, a leitura-estudo-do-texto, a leitura-pretexto e a leitura-fruição. Ela sugere a realização de diversas atividades, como a produção de texto, pesquisa de outras obras que tratem da cultura de matriz africana e afro-brasileira, pesquisa sobre grupos de capoeira locais, estudo de figuras de linguagem, onomatopéias e palavras de origem africana e indígena na obra, entre outros.

As sugestões de atividades, tanto para as aulas de Língua Portuguesa quanto para as outras disciplinas mencionadas, evidenciam a riqueza de detalhes presentes na obra de Folha (2018) e demonstram como ela pode ser explorada de maneira ampla e significativa no contexto escolar. Além disso, o livro apresenta notas de rodapé que funcionam como recurso didático integrado ao texto, permitindo que os estudantes acessem e compreendam termos, expressões e referências culturais sem depender de fontes externas. Assim, a HQ oferece múltiplas possibilidades de abordagem pedagógica, possibilitando trabalhar não apenas a leitura e a interpretação textual, mas também aspectos culturais, históricos e sociais relacionados à cultura afro-brasileira.

É necessário ressaltar que a leitura de histórias em quadrinhos também pode contribuir para a formação de leitores mais críticos, pois exige que o estudante desenvolva habilidades de interpretação que vão além do texto escrito. Diferentemente de narrativas exclusivamente verbais, a HQ demanda que o leitor estabeleça conexões entre elementos visuais e linguísticos, reconhecendo que o sentido é produzido na articulação entre linguagem verbal e visual.

Assim, a obra também se destaca por utilizar recursos próprios da linguagem dos quadrinhos, o que amplia seu potencial no contexto escolar. De acordo com Santos e Vergueiro (2012, p. 84), “por meio de sua iconicidade, a história em quadrinhos pode oferecer ao leitor elementos que o texto literário apenas descreve ou não apresenta”. Folha (2018), por exemplo, utiliza da combinação entre texto e imagem para representar elementos culturais, como os orixás, a capoeira e instrumentos musicais, como o berimbau, de forma mais clara e concreta, que poderiam se tornar menos palpáveis se apresentados apenas no texto verbal.

Dessa forma, entende-se a HQ como um instrumento educativo capaz de integrar diferentes áreas do conhecimento, podendo ocupar um espaço significativo em sala de aula ao contribuir para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e consciente da importância da representatividade e da preservação cultural.

Considerações finais

Este trabalho buscou explorar a HQ *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau*, de autoria de Marcio Folha (2018). Observou-se que a obra é rica em histórias e detalhes, exaltando a importância de elementos históricos e culturais de matriz afro-brasileira. É a partir dos ensinamentos do velho mestre que o menino aprende sobre a origem mítica do berimbau, lendas do continente africano e relatos sobre importantes capoeiristas do nosso país.

Por meio do trabalho com a palavra e as imagens, Folha (2018) destaca diversos momentos e formas de resistência do povo negro ao longo dos anos, desde os combates no continente africano, as fugas de pessoas escravizadas de seus cativos no Brasil e a luta pelo direito de praticar capoeira no país. A HQ também traz à tona formas contemporâneas de resistência, evidenciadas na realidade do menino Kauê, que, desde cedo, assume responsabilidades familiares, mas que encontra na capoeira um caminho de pertencimento e esperança. Assim, a obra não apenas reforça o valor da cultura afro-brasileira enquanto patrimônio histórico, mas também evidencia como a literatura pode atuar como ferramenta de afirmação identitária, valorização da memória e fortalecimento da autoestima de crianças e jovens, especialmente daqueles que se identificam com a trajetória de Kauê.

Por fim, reitera-se a importância de HQs como *Tio Alípio e Kauê* no ambiente escolar, tanto para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 quanto para a promoção de práticas de educação antirracistas, a partir do debate e da quebra de estereótipos relacionados aos diversos elementos encontrados na narrativa, como por exemplo os mitos dos orixás, as rodas de capoeira, a história de importantes mestres dessa luta, lendas do continente africano, entre outros. Dessa forma, a obra de Folha (2018) pode ser entendida como um importante recurso pedagógico, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos, empáticos e conscientes de sua própria história.

Como citar este artigo?

LUGÃO, L. R. C. Resistências na literatura infantojuvenil afro-brasileira: o beabá do berimbau. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 24, n. 1, p. 145–158, 2025.

Referências

ARAÚJO, D. C.; DIAS, R. L. Vozes de crianças pretas em pesquisas e na literatura: esperar é o verbo. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 1–22, jun. 2019.

ARAÚJO, S. D.; GODOY, M. C. (org.) *Novas vozes da literatura infantil e juvenil*. 1. ed. São Bernardo do Campo: Todas as Musas, 2020.

B-A-BÁ do Berimbau. Release - Topic. [S. l.: s. n., 2021]. 1 vídeo (5min. 16). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r_FcG0UE2E0. Acesso em: 01 jul. 2024.

RESISTÊNCIAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA: O BEABÁ DO BERIMBAU

BORGES, M. I.; JESUS, N. M. Uma análise das memórias de Anne Frank na novela gráfica 'O diário de Anne Frank em quadrinhos'. *Revista Metalinguagens*, v. 8, p. 31–70, jul. 2021.

BRASIL. Presidência da República. *Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.

CHINEN, N. *O negro nos quadrinhos do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2019.

DALCASTAGNÉ, R. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, E. A; FONSECA, M. N. S. *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 309–338.

FELDMAN, A. K. T.; SILVESTRE, N. A. C. Estratégias de resistência, sobrevivência e continuidade no discurso de grupos étnicos colonizados: reflexões teóricas. In: FELDMAN, A. K. T.; MUNHOZ, R. F. (org.). *Perspectivas multiculturais e pós-coloniais: irrompendo a literatura convencional*. Maringá: UEM, 2020, p. 31–55.

FOLHA, M. *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau*. 2. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. A. História da Capoeira. *Revista de Educação Física (Maringá)*, v. 13, n. 2, p. 141–150, jul./nov. 2002.

LANÇAMENTO DO LIVRO: Histórias de Tio Alípio e Kauê: O Beabá do Berimbau". [S. l.], 20 set. 2009. Disponível em: <https://historiasdetioalipioekaue.blogspot.com/2009/09/lancamento-do-livro-historias-de-tio.html>. Acesso em: 24 maio 2024.

L'ART du Berimbau — Mestre Gato Preto Capoeira — Música de capoeira. BomDeMais. [S. l.: s. n., 2018]. 1 vídeo (38 min. 11). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1FV_p4NzDzI. Acesso em: 01 jul. 2024.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. *O negro no Brasil de Hoje*. 1. ed. São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo marcado*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAMOS, P. *A linguagem dos quadrinhos*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2023.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS: Revista Científica*, n. 27, p. 81–95, jan./abr. 2012.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

VALE, E. R. F. Material de apoio: ao desfrute da obra em situações de ensino/aprendizagem. In: FOLHA, M.. *Histórias de Tio Alípio e Kauê: o beabá do berimbau*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. p. 120–152.